

Francisco Miguez

nº USP 8949479

Iniciação Científica:

- Preenchendo os Vazios Históricos: Um estudo da filmografia recente sobre o regime militar

Orientação: Prof. Eduardo Morettin

O apito da panela de pressão (1977), do Grupo Alegria

O movimento estudantil foi um grande polo de resistência à ditadura militar. Em 1961, com a tentativa de impedir a posse do vice-presidente João Goulart, os estudantes, organizados através da UNE (União Nacional dos Estudantes), se juntaram ao movimento legalista de Leonel Brizola e ajudaram a barrar a obstrução a posse de Jango. Além disso vinham fazendo um trabalho de conscientização popular através da difusão de cultura com o CPC (Centro Popular de Cultura) e a UNE Volante. Quando do golpe do dia 1º de abril de 1964, tanto a UNE quanto a UEE (União Estaduais dos Estudantes) foram condenadas à clandestinidade. Mesmo assim, de 1965 a 1968, os estudantes estiveram à frente de grandes agitações no país, organizando greves e manifestações, sempre muito reprimidos, com exilados, desaparecidos e mortos. A citar, episódios conhecidos da época foram a “Passeata dos Cem mil” e a “Batalha do Maria Antônia”. Com o recrudescimento da repressão, com o AI-5 e os subsequentes “Anos de chumbo”, todas as entidades estudantis, como diretórios e centros acadêmicos, foram dissolvidas e parte do movimento migrou para a luta armada. A partir de meados dos anos 1970, o movimento começou a se reestruturar, reconstruindo suas entidades e mobilizando manifestações massivas.

Em meados dos anos 1970, no bojo da reestruturação do movimento, organizações e partidos clandestinos passaram a ter representantes nas chamadas tendências estudantis. Organizações trotskistas saíram à frente e fundaram a corrente “Liberdade e Luta”, conhecida entre os estudantes como Libelu. Em seguida o PC do B deu origem à “Caminhando” e organizações de luta armada, como a Ação Popular (AP), o Movimento Revolucionário Oito de Outubro (MR-8), a Ação Libertadora Nacional (ALN) e a Ação Popular Marxista Leninista (APML), deram origem à “Refazendo”.¹

¹ O site *Memórias da ditadura* oferece uma cronologia bastante completa da atuação estudantil na luta contra a ditadura: <http://memoriasdaditadura.org.br/estudantes>, acesso em 10/6/16.

É nesse bojo que foi feito *O apito da panela de pressão*, curta de 24 minutos, filmado em 16mm. Em 1977, a prisão de operários e estudantes que panfletavam em convocatória para o 1º de maio, eclodiu em uma grande greve estudantil e manifestações em São Paulo, que se alastraram para outros estados do país. O filme foi realizado pelo Grupo Alegria, grupo formado por estudantes universitários², que autonomamente registraram essa peça da história de lutas estudantis.



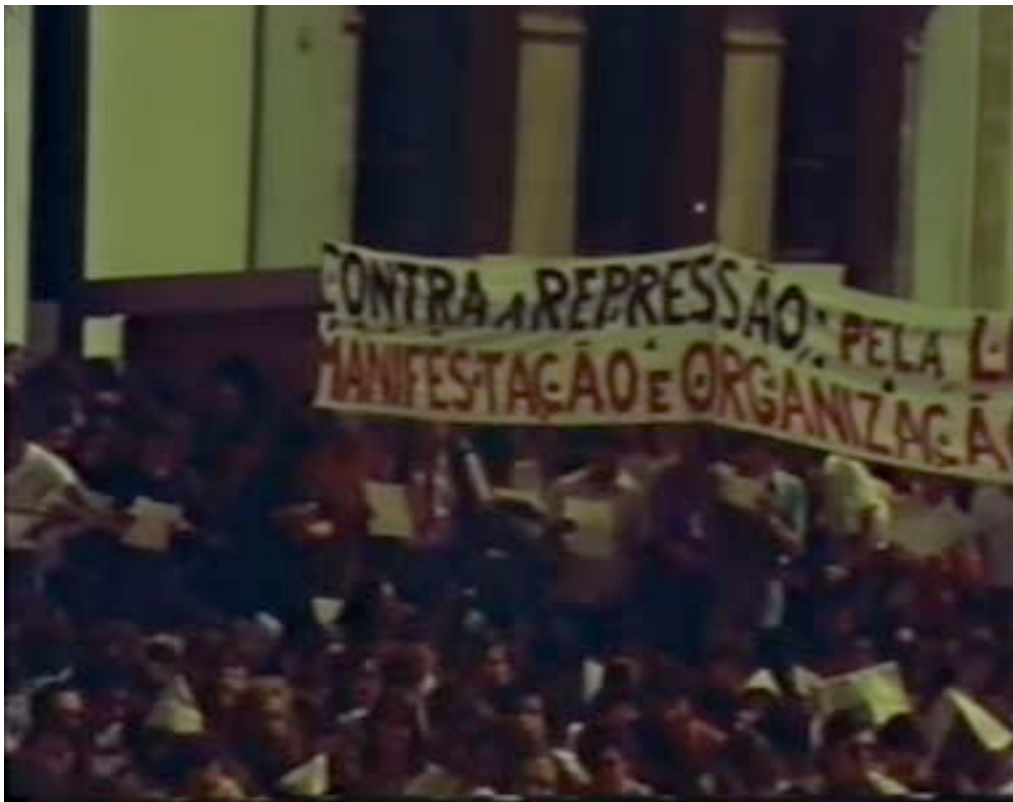
Inserts fotográficos mostram as ruas tomadas por estudantes e trabalhadores

A primeira cartela do filme data o dia primeiro de março. Em uma série de recortes de jornais, nos é introduzido o contexto histórico: Chico Buarque, MDB versus Arena e, no canto da página de um dos jornais, “A polícia garante: os estudantes da USP não irão à rua”. No plano seguinte, em detalhe, outro recorte de jornal semelhante: “Os estudantes garantem: vão à rua”. O som soma, independente da imagem, com mais uma camada à colagem audiovisual: toca o violão de *Tema dos Deuses* de Milton

² Nenhum deles é creditado nominalmente no curta, devido ao medo de perseguição e censura. O grupo era formado por Alberto Tassinari, Arlindo Machado, Rubens Machado, Sérgio Tufiki e Odon Cardoso.

Nascimento e uma voz microfônada em um comício proclama as reivindicações dos manifestantes. Uma série de imagens aéreas mostram a cidade paralisada, com trânsito e multidões.

O filme segue em seu esquema de imagens e sons independentes. A sequência seguinte contextualiza o ambiente da USP, com percursos de câmera pela universidade: o bandeirão, a FAU (Faculdade de Arquitetura e Urbanismo) e os corredores dos edifícios do CRUSP (residência estudantil da universidade), centros acadêmicos etc. Em *voice-over*, ouvimos depoimentos de alunos sobre as mobilizações. Enquanto um estudante prensa panfletos, imagens em transparência sobrepõem mais recortes de jornal, noticiando prisões por panfletagem de convocação para as manifestações do dia primeiro de maio, dia do trabalhador.



Os manifestantes leem a carta Hoje, consente quem cala em jogral

Uma série de imagens das manifestações se sucede, a voz microfônada retorna, agora com respostas da multidão em jogral. Finalmente vemos a imagem da qual o som emana: uma grande manifestação no Largo São Francisco. O discurso é “Hoje, consente quem cala”³, carta-manifesto do

³ A carta aberta e mais informações sobre esse ato podem ser encontradas no site *Memorial da democracia*: <http://memorialdademocracia.com.br/card/soa-o-apito-da-panela-de-pressao> (acesso em 16/6/2016)

movimento, a mesma que está sendo redigida na máquina de escrever. Um repentino silêncio acompanha uma sequência de fotos do ato sendo reprimido com bombas de efeito moral.

“Enquanto isso...” na televisão se fala sobre o festival de inverno de Campos de Jordão, sugerindo através da montagem o cinismo da cobertura midiática com relação às manifestações.

Nesse momento há duas pequenas entrevistas na rua: um trabalhador fala em apoio aos estudantes; um aposentado não se conforma com a manobra de Geisel nas eleições e clama contraditoriamente por uma ação das forças armadas para a garantia da democracia. Ouve-se o então governador de São Paulo, Paulo Egydio Martins, pronunciar com calma sobre o cumprimento das decisões do ministro da Justiça e que “não tem vergonha de dizer, até anda rezando para isso [o cumprimento das ordens]”, enquanto ouvimos a Nona Sinfonia de Beethoven toca ao fundo. Na imagem, assiste-se a uma série de fotos da tropa de choque reprimindo os atos, criando uma ironia sobre a fala do governador, em mais um efeito de montagem ⁴

O filme termina com mais uma sequência de imagens do ato: agora em resposta à forte repressão da qual foram vítimas no ato anterior. O último plano é o de um cartaz sendo pintado no chão de um centro acadêmico, com um *tilt* para a parede onde está pintada a palavra de ordem fundamental do



de
a

movimento: “Pelos liberdades democráticas”.

Enfim, o curta cria uma cronologia das mobilizações que marcaram o retorno de manifestações massivas contra a ditadura, mesclando linguagens e discursos sobre o momento: são recortes de jornais, filmagens das manifestações, perambulações no ambiente universitário, nos espaços estudantis, faixas com palavras de ordem, sequências de fotos, a máquina de escrever redigindo a carta etc. As manchetes compõem a cronologia que o filme cobre, pontuadas por cartelas com datas como “1º de Maio” ou “19 de Maio: dia nacional de luta”. No som, o discurso falado nas manifestações, que permeia todo o documentário, confere unidade discursiva aos estudantes e trabalhadores que vemos, junto a comentários musicais e silêncio abruptos. Através dessa montagem vertical, o curta articula imagem e som em um processo semelhante a uma colagem, construindo uma narrativa dos estudantes e de quem mais estava se manifestando sobre os acontecimentos, confrontando esse ponto de vista com a narrativa da televisão e do poder.

O documentário passou clandestinamente em cineclubes universitários e é conhecido até hoje pelas organizações políticas ligadas ao movimento estudantil. Em 2013, havia uma chapa para as eleições do centro acadêmico da ECA (Escola de Comunicações e Artes da USP) chamada *Apito da panela de pressão*, da organização trotskista Território Livre⁵, em menção evidente ao título do curta e sua metáfora. Ainda hoje em cineclubes da USP o filme é elencado em mostras com a temática estudantil comuns em momentos de mobilização, junto a outros filmes universitários como *Universidade em crise* (Renato Tapajós, 1965), *Estudantes - Condicionamento e revolta* (Peter Overback, s.d.), *Experiência Cruspiana* (Nilson Couto, 1986), *USP 7%* (Daniel Mello, 2012), com o sentido de evocar a história do movimento às novas gerações.

No site do PSTU, pode-se encontrar uma nota sobre o filme que faz um panorama do momento:

Poucos dias antes dos protestos do 1º de maio, operários e estudantes foram presos pela polícia quando distribuía panfletos na cidade de Santo

⁵ Seu programa pode ser lido aqui: <http://oapito-calc2013.blogspot.com.br> (Acesso em 16/6/2016)

André, no ABCD. (...) Incomunicáveis, os presos corriam risco de morte nas mãos da polícia, que até então não reconhecia as prisões. Oficialmente, não havia presos. (...) O episódio foi noticiado pelo jornal Folha de S. Paulo, em 30 de abril de 1977⁶, em uma nota sobre as prisões e o silêncio das autoridades a respeito. Dizia a nota: *"uma comissão de operários compareceu ontem à assembleia estudantil realizada à noite no prédio da Faculdade de História e Geografia da USP a fim de solicitar o apoio dos estudantes para a soltura dos trabalhadores presos na região do ABCD"*. A resposta dos alunos foi imediata. No dia 2 de maio, estudantes da USP entram em greve geral contra as prisões⁷. Protestos também são registrados na Universidade Federal de São Carlos, no interior do estado, e na Unicamp. No dia seguinte, é realizado um histórico ato no auditório da Pontifícia Universidade Católica (PUC), que reuniu mais de 5 mil estudantes das própria PUC, USP e de universidades do interior do estado.⁸

O filme está disponibilizado na internet⁹ em um perfil pessoal. O usuário, que ao entrar em contato descobri ter sido na época o presidente do centro acadêmico da USP em São Carlos, descreve:

O CAASO (Centro Acadêmico Armando de Salles Oliveira) tinha uma cópia do filme que era exibida em sessões itinerantes nos campi universitário, principalmente no interior de São Paulo. As exposições eram feitas de surpresa, seguidas de debates, sendo que projetor e filme eram retirados de imediato para impedir a apreensão pela polícia.

No site da Cinemateca consta a seguinte informação:

Realizado rapidamente para intervir em plena efervescência dos acontecimentos, o filme foi utilizado sobretudo como instrumento político nas

⁶ Acervo do jornal Folha de S. Paulo (30/4/1977, primeiro caderno, p.6): *"Silêncio sobre detidos no ABC: As autoridades do DOPSES não forneceram ontem quaisquer informações sobre a situação das pessoas detidas anteontem na região do ABC, acusadas de envolvimento na distribuição de panfletos considerados subversivos. (...) Novamente ontem foram distribuídos panfletos no ABC (...) acusando o desaparecimento de três de seus membros [da Oposição Sindical de Metalúrgicos do ABC], quatro dias antes do 1º de maio"* (<http://acervo.folha.uol.com.br/fsp/1977/04/30/2/> acesso em 22/6/2016).

⁷ Acervo do jornal Folha de S. Paulo (3/5/1977, primeiro caderno, p.1): *Estudantes protestam contra prisões: Alunos de várias faculdades da Universidade de São Paulo e Pontifícia Universidade Católica não assistiram às aulas ontem, num movimento de protesto contra as prisões feitas na semana passada no ABC"*. Acesso em 22/06/2016.

⁸ CHOMA, Jeferson. *Em 1977, estudantes tomaram centro de SP contra prisão de operários*. <http://www.pstu.org.br/node/16939>, acesso em 19/01/16

⁹ Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=DUGZABQ0L5c>. Acesso em 18/1/2016.

mobilizações estudantis de todo o país. Várias cópias foram apreendidas pela Polícia Federal e algumas sessões canceladas pela Censura." (Guia de Filmes, 68)¹⁰

No período da ditadura, havia um forte movimento cineclubista em diversos estados do país, com sessões em universidades e sindicatos. Desse modo, além de passar os filmes proibidos pela censura, como o *Encouraçado Potenkin* (S. Eisenstein, 1925), esse circuito permitiu que filmes fossem feitos fora dos parâmetros oficiais de produção e assim, não fossem submetidos ao controle da censura, possibilitando um cinema de contra-informação e militância, revelando e divulgando aquilo que o regime ocultava, consolidando, inclusive, o formato 16mm enquanto nicho de produção. De acordo com Débora Butruce,

em 1976, [...] o Conselho Nacional de Cineclubes [entidade que reunia todos os cineclubes do país] cria um departamento exclusivo para a distribuição de filmes – a Distribuidora Nacional de Filmes (Dinafilme). A Distribuidora teve seu funcionamento bastante prejudicado em razão das constantes invasões e apreensões de filmes feitas pela ditadura militar, além de nunca ter se mostrado viável do ponto de vista econômico e organizacional, apesar dos esforços nessa direção. Essa nova fase da atividade no Brasil será marcada pela ampla presença de cineclubes em quase todos os estados e nas principais capitais, indo além de escolas e universidades. Nesse momento, o cineclubismo se desenvolveu sobretudo em sindicatos e associações¹¹

Um dos realizadores do filme, Rubens Machado, é hoje professor de história no curso de audiovisual da ECA. Ele conta que foram feitas doze cópias do filme, vendidas a preço de custo em uma grande conferência estudantil em que vieram estudantes de diversos estados para São Paulo. Assim, cópias se espalharam pelas universidades do país, tal como a citada pelo ex-militante de São Carlos. A cópia pessoal de Rubens reside hoje no acervo da Cinemateca Brasileira.

¹⁰ Disponível em: <http://cinemateca.gov.br/cgi-bin/wxis.exe/iah/?IsisScript=iah/iah.xis&base=FILMOGRAFIA&lang=P&nextAction=search&exprSearch=ID=026422&format=detailed.pft>, acesso em 16/6/16.

¹¹ BUTRUCE, Débora. *Cineclubismo no Brasil: esboço de uma história*. Revista Acervo, Rio de Janeiro, v. 16, no 1, p. 117-124, jan/jun 2003 - pág. 117 (<http://linux.an.gov.br/seer/index.php/info/article/view/236/198> acesso em 16/6/16).